NOSSA AGECEF

O Jornal da Associação dos Gestores da Caixa - Bahia

Nº 68 - ABRIL 2020

PRESIDENTE: ANTÔNIO MESSIAS RIOS BASTOS

Coronavírus

Os impactos na Caixa

Sem dúvidas alguma, no setor bancário, **os empregados da Caixa** são os que mais sentem os impactos causados pelo **coronavírus.** Na linha de frente do pagamento do auxílio emergencial, sofrem **pressão** de todos os lados: da **população** que, geralmente, vai às agências para obter uma informação que poderia ser solicitada por meio digital ou telefone e da **grande mídia**, que, muitas vezes, incentiva o caos e presta desserviço à sociedade.

Páginas 2, 3 e 4

Contra o coronavírus

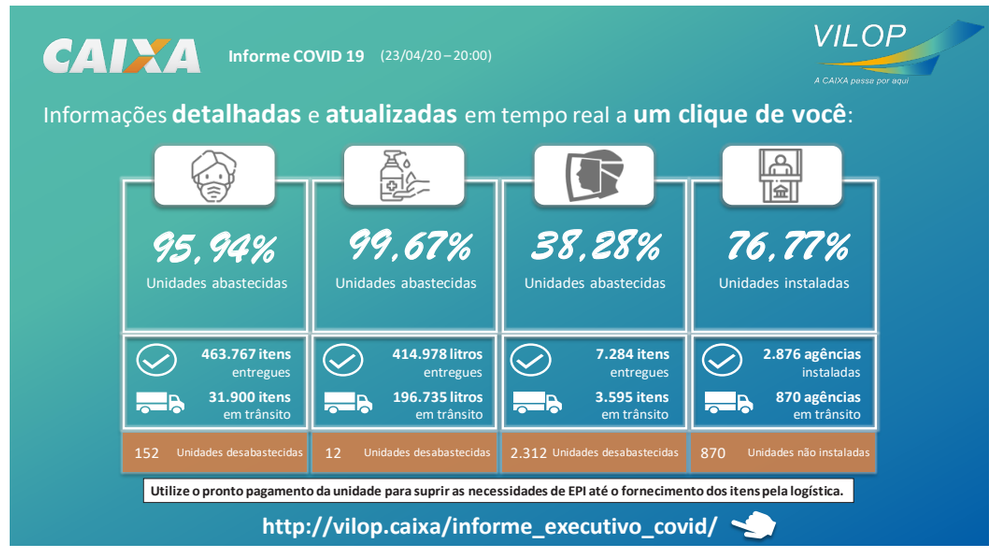
Cuidado deve ser com todos

A Caixa tem tomado diversas medidas para conter o avanço do coronavírus entre os empregados **(conforme mostra o quadro ao lado)**. Mas, diante das aglomerações observadas diariamente nas agências do banco em todo o país, decorrentes do pagamento do auxílio emergencial do governo federal, é preciso mais. Muito mais.

Preocupadas com o cenário de caos na rede de atendimento, inclusive com casos de agressão aos trabalhadores, as entidades representativas têm solicitado apoio à direção da empresa, para que os governos estadual e municipal deem suporte de segurança na frente das unidades, evitando os constantes tumultos e ajudando na organização das filas.

A intenção é garantir a integridade física dos empregados e prestar a devida orientação aos beneficiários da renda básica emergencial. Na Bahia, a AGECEF-BA também encaminhou ofício ao governo do Estado e à prefeitura de Salvador, solicitando suporte de segurança por parte da Polícia Militar e da guarda municipal.

A medida é necessária haja vista o seríssimo e iminente risco de colapso causado com a desproporção de beneficiários e a capacidade física e operacional do banco. Apenas para ser ter uma ideia da gravidade do problema, já há relatos de depredação de agências, agravada com o desprovimento da devida segurança necessária.



PM e guarda municipal vão ampliar segurança nas filas

A Prefeitura de Salvador e o Governo do Estado vão deslocar a guarda municipal e a Polícia Militar para ajudar no ordenamento e na segurança das filas nas agências da Caixa. O compromisso foi firmado em reunião realizada no dia 30 de abril, por meio de videoconferência, com o Sindicato dos Bancários da Bahia, o Ministério Público do Trabalho, a Febraban e a Superintendência Regional da Caixa.

Inicialmente, o reforço será feito nas unidades mais críticas, com maior demanda. O levantamento desses locais já está sendo feito. A intenção é evitar os tumultos e agressões físicas e verbais observados nas últimas semanas, desde que o banco iniciou o pagamento do auxílio emergencial no valor de R$ 600,00, para ajudar os trabalhadores informais e desempregados a passarem pela crise causada pela pandemia do coronavírus.

Desde o início do pagamento da renda básica, o Sindicato e as entidades representativas dos empregados da Caixa, como a AGECEF-BA, vinham solicitando o suporte do poder público. O número de beneficiários do auxílio é extremamente elevado e apenas a Caixa concentra o pagamento. Para se ter ideia, até o dia 27, cerca de 50 milhões de pessoas em todo o país tinham se cadastrado para receber o benefício. É uma demanda absurda e até desumana para quem está na linha de frente.

A abertura das agências no fim de semana e feriado também foi pauta. Os empregados têm tido uma rotina super desgastante. O MPT ficou de acompanhar o caso,

Informativo publicado sob a responsabilidade da AGECEF-BA (Associação de Gestores da Caixa). Presidente: Antônio Messias. Diretor de Comunicação: Érico de Jesus. Textos: Rose Lima. Reg. MTE 4645 DRT-BA **Editoração:** Rose Lima. Reg. MTE 4645 DRT-BA Edição fechada em 28.04.2020

Contra o coronavírus

Caixa promete campanha para reduzir as filas

Desenvolver uma ampla campanha de comunicação para evitar as enormes filas que se formam todos os dias nas portas das agências da Caixa, devido à falta de informação da população sobre o pagamento do auxílio emergencial. Esse é um dos compromissos assumidos pela direção do banco, durante reunião com a Comissão Executiva dos Empregados, realizada por meio de videoconferência, no início desta semana.

Desde o início da pandemia causada pelo coronavírus, as entidades representativas cobram da empresa uma campanha de comunicação para orientar a população a não ir às agências e como conseguir se cadastrar para receber o auxílio. Estimativas apontam que 80% das filas são causadas pelos pagamentos da renda emergencial. Só que mais da metade, não precisaria e nem deveria estar ali. A direção da empresa garantiu que está em fase de desenvolvimento e que em breve chega às ruas.

Outras demandas estão, aos poucos, sendo implementadas, como a contratação de segurança desarmado para organizar as filas e as proteções de acrílico nos caixas e equipamentos de proteção individual (EPIs) para todos os empregados. Segundo a Caixa, com a autorização da Polícia Federal para atuar na organização de filas do lado de fora das agências, 558 unidades estão com um vigilante e 371 unidade estão com dois vigilantes.

Quanto aos EPIs, mais de 90% das unidades já estão com as proteções básicas, quase 85% tiveram as proteções de acrílicos instaladas e 41,11% receberam as máscaras de acrílico. A Caixa também vai manter o rodízio semanal de empregados.

Outro ponto que preocupa é o expediente nos sábados e feriados. Os empregados precisam de um momento de descanso, sobretudo com a alta demanda que têm tido ao longo de toda a semana.

FUNCEF: medidas que poderiam ajudar, mas são ignoradas

Participantes e assistidos da FUNCEF têm passado por momentos difíceis. Com a pandemia causada pelo coronavírus, a situação financeira que já não era das melhores, piorou. Além disso, as medidas esperadas para aplacar essa angústia estão sendo adiadas. A seguir, o jornal ***Nossa AGECEF*** mostra três medidas que poderiam ser tomadas, mas que a FUNCEF ignora.

Contencioso

Desde 2017, a FUNCEF garantiu que faria estudos para descobrir o valor real do custo do contencioso judicial. Apesar do compromisso firmado, a Fundação não divulgou nenhum resultado e o impacto nas reservas decorrente as ações de origem trabalhista que já tiverem trânsito em julgado seguem sem divulgação. Sem resolução, o contencioso "oculto" pesa no bolso do participante.

CNPC 30

Desde outubro de 2018, quando a resolução 30 no CNPC foi publicada, que as entidades representativas solicitam a revisão do equacionamento e a dilatação do prazo de pagamento dos equacionamentos, diminuindo a alíquota mensal do pagamento. O atual momento terá forte impacto no cotidiano das pessoas e o alto nível de endividamento de participantes e assistidos do REG/Replan Saldado e Não Saldado já foi constatado, o que exige uma solução urgente.

Credplan

A FUNCEF ao invés de diminuir a taxa de juros e isentar o pagamento das parcelas por três meses, abriu a possibilidade de refinanciar três meses de cobrança, estendendo o prazo de pagamento e, por consequência, o valor do empréstimo. Em função dos juros acumulados, o impacto cresce à medida que o prazo do empréstimo é maior. A depender do número de meses restantes para a quitação, a suspensão de três parcelas pode significar o aumento de até 11 parcelas para quem teria 120 meses pela frente.

De privatizável à imprescindível

Uma campanha espontânea intitulada de ***Caixa: de privatizável a imprescindível*** tomou as redes sociais no início deste mês. Desde 1861, ano de sua fundação, até hoje, o banco público protagonizou inúmeras ações pelo desenvolvimento do Brasil e bem estar da população, em especial a de baixa renda. Mesmo assim não é incomum governos estudarem vender a estatal e outros bancos públicos.

A Caixa é o banco do investimento em infraestrutura. Da popuança dos brasileiros. É a instituição responsável por realizar o sonho da casa própria de milhões de famílias, por oferecer crédito mais barato para as empresas. Também está presente na educação, por meio do FIES, na cultura, segurança pública, esporte e saúde. Mesmo assim, enfrenta, desde 2016, ameaças de privatização, com a venda de ativos. No ano passado, perdeu a Lotex e estava prestes a ter outra importante subsidiária vendida, as loterias Caixa.

Paralemamente, tem o quadro de empregados bruscamente reduzido (saindo de 101 mil em 2014 para 84.006 atualmente). Sem falar nas reestruturações que retiram os direitos e comprometem a função social do banco.

Mas, o atual cenário criado com a crise causada pela Covid-19 deve servir para alertar sobre a real importância da instituição financeira 100% pública. Agora, mais do que nunca, com a crise econômica que se vive em razão da pandemia, fica absolutamente claro e inegável a importância de o Estado ter um banco como a Caixa, com capilaridade, capacidade de trabalho e de implementação de soluções para ajudar o Brasil a passar por esse momento.

O banco, que sempre foi do Bolsa Família, do financiamento habitacional, Fies, Prouni, do crédito mais barato, das medidas anticíclicas para o enfrentamento de crises econômicas, desde o início da atual crise disponibilizou mais de R$ 78 bilhões em medidas de socorro às empresas, ampliou a carteira de crédito para pessoa física, fez pausa nos contratos de crédito, linhas destinadas aos hospitais filantrópicos e Santas Casas, reduziu juros, entre outras ações. A instituição também atua no pagamento do auxílio emergencial de R$ 600,00 destinado aos trabalhadores informais, micro empreendedores individuais e beneficiários do Bolsa Família e vai investir cerca de R$ 7,5 bilhões no intuito de assegurar financiamento aos MEIs (microempreendedores individuais) e micro e pequenas empresas.

Eles fazem a diferença

A mídia não mostra. Na verdade, esconde e muita gente desconhece. Os empregados da Caixa mostram um enorme compromisso com a sociedade durante a pandemia do coronavírus. Atuando na linha de frente da maior operação de políticas públicas fundamentais para enfrentar a Covid-19, assumem uma grande responsabilidade com a sociedade, sobretudo a mais carente.

Embora se dediquem ao máximo para amenizar os problemas gerados pela pandemia, precisam do suporte dos governos para que as medidas atinjam os objetivos. O momento requer um trabalho de parceria, com envolvimento de todos. O poder público precisa chegar junto e ajudar no ordenamento das filas, orientando a população. O banco também precisa investir em uma comunicação para esclarecer os clientes.